

## INTERDEPENDÊNCIA E DESCENTRALIZAÇÃO DOS AFETOS ENQUANTO PRÁTICAS AFETIVAS DE MULHERES NÃO-HETEROSSEXUAIS NA PANDEMIA DE COVID-19

LUIZA DE OLIVEIRA MACIEL<sup>1</sup>; JULIA SCHWANZ ANDREAZZA<sup>2</sup>; CAMILA PEIXOTO FARIAS<sup>3</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – oliveiramlu@icloud.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – andreazza.julia@gmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas – pfcamila@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de um recorte de uma pesquisa maior, vinculada ao grupo *Agora é que são elas*: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres. O projeto foi criado no ano de 2020 no curso de Psicologia da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) em parceria com pesquisadoras da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). A pesquisa emergiu perante a necessidade de atentarmos às realidades singulares das mulheres no cenário pandêmico brasileiro; a coleta dos dados foi realizada por meio de um questionário online, cujo objetivo era instigar as respondentes a narrarem suas histórias.

Nessa construção, optamos por explorar as singularidades das vivências de mulheres não-heterossexuais a fim de visibilizar suas histórias, dores, alegrias e potências. Este trabalho, então, surge da costura entre dados e narrativas coletadas no ano de 2020 analisadas em diálogo a teorias feministas e articuladas aos impactos que nossa posicionalidade como integrantes desse mesmo grupo trazem à pesquisa (FAVERO, 2020).

Ao nos debruçarmos sobre as narrativas das participantes, percebemos que os laços de amizade e redes de apoio mútuo estabelecidas entre mulheres eram essenciais em suas histórias. A centralidade que esses laços parecem assumir no que se refere a bem-estar, manutenção da saúde mental e sustentação da vida na pandemia nos indicou o estabelecimento de lógicas de interdependência que nos tocaram profundamente.

Tais relatos nos instigaram a questionar o foco hegemônico e a centralidade socialmente atribuída a afetos ligados à família nuclear e as relações românticas, repensando também as formas de se relacionar colonialmente estabelecidas. Dessa forma, neste trabalho, optamos por repensar as relações através de temáticas como valorização da interdependência, descentralização dos afetos, descolonização das práticas de cuidado e construção de comunidades amorosas.

### 2. METODOLOGIA

A pesquisa *Agora é que são elas: a pandemia de COVID-19 contada por mulheres* utilizou um questionário online, com 27 perguntas de múltipla escolha e 6 dissertativas, divulgado<sup>1</sup> entre maio e junho de 2020. Desde então, o grupo de pesquisa analisa os dados coletados e trabalha através de recortes temáticos delimitados a partir de reverberações singulares das narrativas das participantes nas pesquisadoras, que em subgrupos realizam a análise e escrita em alinhamento às discussões do grupo.

A escolha do presente recorte teve seu início a partir do interesse inicial de atender as narrativas das mulheres bissexuais. Após uma primeira análise, escolhemos ampliar a amostra, com o objetivo de abarcar as histórias de todas as participantes que não se auto definiram como heterossexuais: homossexuais, bissexuais e outras. Essa decisão foi realizada partindo do pressuposto que suas vivências teriam em comum a fuga da norma heterossexual e a construção de vínculos outros, atravessados pela vivência de suas sexualidades.

<sup>1</sup> após aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da UFPel (CAAE: 31203220.3.0000.5317)

A análise das respostas de 677 mulheres<sup>2</sup> foi realizada por meio do método psicanalítico, no qual o olhar à pesquisa parte do corpo-a-corpo, onde as pesquisadoras, o objeto e o meio transformam-se mutuamente por conta das relações de transferência e contratransferência (FIGUEIREDO, 2006). Após a leitura, a escolha do tema partiu do que mais ressoou em nossa subjetividade enquanto mulheres não-heterossexuais, uma vez que – conforme a noção de Saberes Localizados de DONNA HARAWAY (2009) – todo conhecimento é produzido a partir do contexto cultural, social e pessoal das pesquisadoras.

Nesta análise, percebemos que as narrativas abordam frequentemente temas como solidão, cansaço, laços afetivos, cuidado e redes de apoio. Ainda que esses pontos tenham sido indicados em outras escritas do grupo, optamos por analisá-los de forma aprofundada, pensando nas lógicas de interdependência e amizade estabelecidas nas redes de afeto entre mulheres não-heterossexuais durante a pandemia de COVID-19. Essa abordagem parte de uma escrita encarnada, na qual as implicações das pesquisadoras ora fomentam, ora limitam o olhar às discussões. Com a leitura completa, escolhemos trabalhar com três perguntas disparadoras<sup>3</sup>. Olhar para as narrativas que surgem através destes questionamentos possibilita, através do percurso metodológico definido, a reflexão sobre as reverberações que a pandemia de COVID-19 teve nas vivências individuais e coletivas dessas mulheres.

Trabalhamos os dados a partir de uma perspectiva interseccional, levando em consideração que categorias como raça, classe, gênero e sexualidade estão sempre inter-relacionadas e se moldam mutuamente (COLLINS; BINGE, 2021). Essa postura tem como objetivo compreender e interpretar o mundo de forma complexa, o que torna fundamental um olhar atento aos dados. Nesse sentido, no que diz respeito a quem são as mulheres que responderam a pesquisa e aos marcadores da diferença que as circunscrevem, 58,6% delas se identificaram como bissexuais, 32,6% como homossexuais e 8,7% como outras categorias. Quanto à identidade de gênero, 93% se identificam como mulheres cis, 0,3% como mulheres trans, 4,9% como não-binárias e 1,6% com outras. Em termos de cor ou raça, 75,7% das participantes se autodeclararam brancas, 10,2% pretas, 0,6% indígenas e 0,4% amarelas. Outro dado importante diz respeito à escolaridade: mais de 60,5% das mulheres possuíam ensino superior completo ou acima, enquanto 28% possuíam superior incompleto. Questões como essas nos levam a considerar como a pesquisa online reflete nos dados, destacando limitações relacionadas a acesso e a classe social.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir da leitura das narrativas, articulamos nossa análise com BELL HOOKS, que discorre sobre como, nas sociedades ocidentais, ocorre a negação sistemática da interdependência básica da vida, que “é ignorada de modo que a separação e o ganho individual possam ser divinizados” (2021). Em consonância, a autora GENI NÚÑEZ (2023) aborda como a ideia de autossuficiência do ser humano é uma falácia neoliberal, que se transpõem do processo de civilização para os relacionamentos interpessoais, uma vez que dependemos não somente de recursos naturais, mas também de outros seres humanos. Em nosso mergulho nas narrativas das respondentes, percebemos que essa interdependência,

---

<sup>2</sup> equivalente a 11,5% da amostra total de respondentes do questionário, de 5.867 mulheres

<sup>3</sup> I. O que tem feito você se sentir bem durante esse período da pandemia de COVID-19? Por quê?  
II. Relate uma história, um fato ou uma cena da sua vida que tenha ocorrido durante a pandemia de COVID-19  
III. Relate as principais transformações que a pandemia de COVID-19 causou na sua vida.

identificada muitas vezes em histórias de amizade, se estende a um sentido mais amplo, ligado a relações menos íntimas mas não menos relevantes para as participantes. Isso fica nítido nos relatos trazidos em resposta a questão que explorava cenas marcantes da pandemia, onde as participantes relataram experiências como estas:

*No início da pandemia entrou um inseto (cigarra) no meu quarto, e como tenho terror de insetos voadores, entrei em pânico. Sem ter como resolver sozinha, chamei um vizinho jovem e corajoso para me ajudar a tirar a cigarra que prendi com uma vassoura e um pano (não a matei). Depois de um tempo de risos e confusão nos livramos dela. No dia seguinte eu fiz um cartão para agradecer a gentileza do meu jovem vizinho e coloquei por baixo de sua porta (participante 3164).*

*A pandemia transformou a minha vida de várias maneiras, principalmente porque sempre pensei sobre descentralização da minha vida em referência às grandes instituições e, agora, percebo que é a hora de viver uma vida que se sustente nas pequenas relações: dentro do meu bairro, sustentando o comércio local, dos que dependem de mim e me permitem depender deles; dentro do meu núcleo familiar e de amigos, que dependem em questões muito particulares de confiança nesse momento; dentro de mim mesma, pensando meu papel diante do que está acontecendo. Trazer as responsabilidades pra mais perto (mesmo na distância) foi a principal (e nada simples) mudança durante a pandemia (participante 1025).*

Estas narrativas refletem e articulam-se ao que GENI NÚÑEZ (2023) afirma a respeito da descentralização da dependência: entendida enquanto um ato mais benéfico do que a busca por não depender de nada nem ninguém – uma vez que o cuidado unilateral corrobora para lógica colonial extrativista. Nas demais respostas do recorte, percebemos muitos discursos que traziam o cuidado como elemento notável na vivência da pandemia de COVID-19: seja o cuidado frente aos protocolos da pandemia, às necessidades básicas e elementares ou, ainda, o cuidado emocional. Nesse sentido, podemos pensar em como:

*Circular o cuidado é reparação histórica também, não precisamos dar conta de tudo, nem dar conta sozinhas de nós mesmas. Interdependência anticolonial, redistribuída, também é autonomia (Núñez, 2023, p.96).*

Partindo dessa visão, entende-se que a função do cuidado é potencializada quando exercida coletivamente, indo contra o projeto implementado na colonização de imposição de uma monocultura dos afetos. Nessa perspectiva, o exercício de ir contra este sistema consiste em um movimento contrário à misoginia, ao capitalismo e, principalmente, ao sistema monogâmico. A descentralização dos afetos – através da não-monogamia política – valoriza outras relações e vínculos para além do eixo afetivo-sexual e da família nuclear. Assim, a redistribuição coletiva das tarefas enquanto prática anticolonial, possibilita mais tempo e energia para lazer, dedicação a projetos pessoais e coletivos, descanso e manutenção de outros laços comunitários (NÚÑEZ, 2023).

Na mesma direção, HOOKS (2021) discute como a cultura do capital minou as relações comunitárias e a falta desses vínculos reflete enormemente em nossa saúde mental e modo de vida, se desdobrando em sentimentos de isolamento e desamparo individual, político e social. Contudo, em sua análise, essa alienação não contém o desejo por essas conexões. Na leitura das narrativas, observamos a persistência de tentativas de formar vínculos solidários mesmo diante das dificuldades impostas pelo isolamento social. Interações cotidianas com vizinhos e desconhecidos foram relatadas como cenas marcantes para as participantes, evidenciando a importância desses laços para elas. O anseio pela construção de comunidades que se estendam para além das relações familiares e de amizade, e que compõem mais do que relações de cortesia ou de interesse, dialoga com o que a autora apresenta como comunidades amorosas (HOOKS, 2021).

Nesse sentido, o cultivo e a disseminação de uma ética amorosa, por si mesma comunitária, torna-se uma práxis necessária para a manutenção e transformação da vida, tanto coletiva quanto individualmente. As narrativas de preocupação com o coletivo e a tentativa de formação de laços comunitários atravessam os relatos de participantes, lado a lado em importância a outros vínculos. O relato da participante 5195, evidencia isso:

*Não aguentei a pressão do meu marido, que não faz isolamento 100%, pra fazer aglomeração familiar com a família dele no interior de SP. Pedi que ele fosse sozinho e ficasse por lá. A vida já está pesada, precisamos de leveza. Além de que não quero que minhas filhas cresçam sem se preocupar com o coletivo, por isso decidi assim (participante 5195).*

A comunhão e a coletividade, nesse contexto, se tornam práticas contra hegemônicas de resistência à lógica competitiva e segregadora do capital, colocando-se em direção a um outro modo de vida. Assim, a construção de laços de amor comunal, companheirismo e apoio mútuo se mostram, simultaneamente, como postura política, como promoção e prevenção em saúde mental e ampliação das possibilidades de vida.

#### 4. CONCLUSÕES

Diante do exposto, é possível reformular o olhar às expressões afetivas enquanto potencializadoras de cuidado e bem-estar. As teorias utilizadas para diálogo ao longo do trabalho, reforçam a importância do comprometimento coletivo e redistribuição do trabalho de cuidado, em consonância com uma não-monogamia política que visa descentralizar os afetos, valorizando outros vínculos além dos afetivos-sexuais. Nesse sentido, o presente resumo aponta para a relevância de repensar o foco colocado na família e nas relações românticas em nossas pesquisas acerca da saúde mental, com destaque às de populações cujas configurações não se enquadram em termos tradicionais. Assim, visibilizar as narrativas e atentar a modos de vida que caminham em direção a descentralização e descolonização dos afetos torna-se uma postura ética dentro da Psicologia, que além de reconhecer a pluralidade, deve buscar potencializar e trabalhar a partir de práticas de promoção e proteção da saúde já existentes, valorizando a autonomia e os diferentes saberes.

Ademais, a ampliação das redes de apoio e a não-monogamia política se entrelaçam e despontam nas vivências não-heterossexuais enquanto estratégias de proteção perante aos sistemas de opressão que atuam de forma articulada sob seus corpos, compondo formas de resistência. Por fim, ressaltamos o caráter em construção do recorte do qual surge esse trabalho, que tem como objetivo se aprofundar nas dinâmicas de amizade e afetividade entre mulheres não-heterossexuais.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COLLINS P.H; BILGE S. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo; 2021.
- FAVERO, Sofia. Pesquisando a dor do outro: os efeitos políticos de uma escrita situada. **Pesqui. prá. psicossociais**, São João del-Rei , v. 15, n. 3, p. 1-16, set. 2020.
- FIGUEIREDO, L; MINERBO, Marion. Pesquisa em psicanálise: algumas idéias e um exemplo. **J. psicanal.**, São Paulo , v. 39, n. 70, p. 257-278, jun. 2006.
- HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu**, n. 5, p. 7-41, 2009.
- HOOKS, B. **Tudo sobre o amor: Novas perspectivas**. São Paulo: Editora Elefante, 2021.
- NÚÑEZ, G. **Descolonizando afetos: experimentações sobre outras formas de amar**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.